

Da Aliança Bíblica à União Mística em Santa Teresa: A Busca do Ausente

Introdução

O Papa Paulo VI proclamou Santa Teresa de Ávila, a 27 de Setembro de 1970, como a primeira Doutora da Igreja; na homilia deste dia, referiu: “Nós conferimos, ou melhor, nós reconhecemos o título de Doutora da Igreja a Santa Teresa de Jesus (...) Encontramo-nos, indubitavelmente diante de uma alma, na qual a iniciativa divina extraordinária se manifesta, é experimentada e depois descrita, simples, fiel e maravilhosamente, com uma linguagem literária própria”. Em Alba de Tormes as últimas palavras de Teresa serão: “Por fim sou filha da Igreja”.

Na fachada principal da Biblioteca Nacional de Espanha, entre os escritores mais conceituados do seu tempo, há um busto de Teresa Cepeda de Ahumada. Quem é esta mulher que viveu no século de ouro espanhol e que foi proclamada quatro séculos mais tarde como a primeira Doutora da Igreja? É esta interrogação pessoal que orienta este estudo. Ao longo deste breve trabalho, procurarei conhecer Teresa de Ahumada e a sua incessante introspecção pela procura do Ausente na sua vida, compreendendo-se dentro do mistério da Aliança Bíblica.¹

De Teresa de Ahumada a Teresa de Jesus

Teresa Cepeda de Ahumada, descendente de *marranos*² por parte Alonso Sánchez de Cepeda, seu pai, e de Beatriz de Ahumada, nasceu em Ávila a 28 de Março de 1515. A mãe de Teresa morreu em 1528, e seu pai em 1543 quando Teresa era já monja no Mosteiro da Encarnação de Ávila. Aos 45 anos, em 1560, após o encontro com S. Pedro de Alcântara, Teresa tomou a decisão de fundar um Mosteiro reformado. De 1562 a 1582, dos 47 aos 67 anos, atinge o seu período de plenitude humana e espiritual, em que funda 17 Mosteiros reformados.

Mais do que uma reforma, a ação de Teresa deve qualificar-se como uma obra criadora e fundadora em que a nova forma de vida proposta é “inspirada no mais profundo espírito evangélico e no ideal eremítico-contemplativo carmelitano”.³ Teresa deixa-nos uma obra única, escrita num estilo muito próprio que encontra paralelo com o de Santo Agostinho, e um epistolário vasto que conta tanto com cartas escritas a seus familiares como ao Rei D. Felipe II, a religiosos e às suas

¹ Para as obras de Santa Teresa de Jesus, recorreremos à edição das “Obras Completas”, Editorial Carmelo, Avestadas 2000.

² Julia Kristeva, “Teresa. Amor Mio: Santa Teresa de Ávila”, Barcelona, 2015, pp. 24-25, pp. 144-145; Teresa Forcades i Vila, “A Teologia Feminista na História”, Lisboa, 2013, pp. 54-55; Leituras complementares do curso, Temas de Biografia Teresiana, IV. *La condición social de Santa Teresa*.

³ Leituras complementares do curso, Temas de Biografia Teresiana, V. *Santa Teresa como reformadora del carmelo*.

irmãs carmelitas, bem como a teólogos, conselheiros e amigos. No estudo de Rodríguez Martínez e Teófilo Egídio aponta-se para que Teresa possa ter escrito entre 10 220 e 25 550 cartas, das quais foram publicadas até hoje 468 e ainda algumas que estavam perdidas e foram recuperadas por P. Álvarez⁴. Mulher comunicadora, inteligente, culta que recomenda às “suas filhas” que leiam bons livros, “em especial, *Cartujanos, Flos Sanctorum, Contemptus Mundi, Oratório dos Religiosos, os de frei de Luís de Granada e do padre frei Pedro de Alcântara*”⁵, e que junto de letrados procurem ajuda no exame do interior porque:

“ainda que não tenham passado por estas coisas, têm um não sei quê, os grandes letrados, que, como Deus os tem para a luz da Sua Igreja, quando é uma verdade, dá-lhes luz para que as admitam; e se não são dissipados, mas servos de Deus, nunca se espantam de Suas grandezas, pois bem têm entendido que Ele pode muito e muito mais”⁶.

No Caminho da Perfeição, dirigido às irmãs do Mosteiro de S. José de Ávila, Teresa escreve uma belíssima passagem que risca nas redacção seguinte e que, segundo Teresa Forcades, mostra o quanto “Teresa amava as mulheres, acreditava nelas e nas suas possibilidades”:

“Nem aborreceste as mulheres, Senhor da minha alma, quando andaste pelo mundo; antes as favoreceste sempre com muita piedade e encontrastes nelas tanto amor e mais fé do que nos homens, pois estava a vossa santíssima Mãe em cujos méritos merecemos o que desmerecemos pelas nossas culpas. Não basta, Senhor, que o mundo nos tenha encurraladas... que não façamos coisa alguma de valor por Vós em público, nem ousemos dizer algumas verdades que choramos em segredo, senão que deixaríeis de ouvir súplica tão justa. (...) Certamente, Rei meu, que virá um dia em que todos sejam conhecidos. Não falo por mim, pois que o mundo bem conhece a minha ruindade e eu alegro-me que seja coisa pública; mas sim porque vejo os tempos de tal maneira, que não é motivo para rejeitar espíritos virtuosos e fortes ainda que sejam de mulheres”⁷.

A transformação de Dona Teresa, como era tratada no mosteiro da Encarnação, em Teresa de Jesus reflecte-se também em sinais exteriores deixados nas Constituições que espelham a simplicidade, a vontade e a pedagogia de uma mulher em procura da verdade: “Nunca as irmãs possuam coisas em particular nem lhes seja permitido, nem para comer nem para vestir nem tenham malas ou malinhas, nem caixotes nem armário, a não ser o que estiver nos ofícios da Comunidade, nem qualquer outra coisa em particular, mas que tudo seja em comum”⁸; “Nunca a priora ou qualquer outra irmã possa chamar-se por “dona”⁹.

Pelos escritos de Teresa percebemos a sua vida dedicada à procura da verdade. Scott Peck, psicoterapeuta, diz que uma vida assim, é “antes de mais, uma vida de auto-exame contínuo e infinitamente rigoroso. Só conhecemos o mundo através da nossa relação com ele. Portanto, para conhecermos o mundo, não só temos de o examinar como, simultaneamente, temos de examinar o examinador”¹⁰. Ao longo da sua obra dirigida às suas irmãs há um constante apelo de Teresa para

⁴ Anabela Neves Rodrigues, “Plenitude em Santa Teresa”, Paulus, Lisboa, 2015, p. 89

⁵ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Constituições*, II, p. 1040

⁶ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Moradas*, I, p. 584

⁷ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Caminho de Perfeição*, III, p. 372

⁸ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Constituições*, III, p. 1041

⁹ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Constituições*, IX, p. 1047

¹⁰ M. Scott Peck, “O Caminho Menos Percorrido”, Lisboa, 2013, p. 54

que se esforcem neste caminho transitório: “...filhas minhas, esforcemo-nos por ser verdadeiras carmelitas, que depressa acabará a jornada”¹¹. Apesar deste apelo ao esforço Teresa não deixa de ser pedagoga e de ser paciente com as suas irmãs:

“Mas voltando ainda à mortificação: para exercitar uma religiosa, a priora ordena-lhe uma coisa, pequena mas custosa para a irmã e, se bem que ela a execute, fica tão inquieta e tentada, que melhor seria nada lhe terem mandado. Por aqui se entende que a priora deve cuidar de não aperfeiçoar à força. Mas dissimule e vá com vagar, até que o Senhor actue sobre ela.”¹²

A mortificação, a obediência e a humildade constituem para Teresa as grandes virtudes que explica primeiramente às suas irmãs de S. José de Ávila.¹³ Em relação à verdadeira humildade não podemos deixar de referir uma das mais belas passagens que Teresa nos deixa nas Relações pela voz do seu Amado:

“A verdadeira segurança é o testemunho de boa consciência; mas ninguém pense que, por si mesmo, pode permanecer na luz, assim como nada poderia fazer para que a noite não viesse, porque a graça depende de Mim. O melhor remédio que pode haver para conservar a luz, é entender que não se pode nada e que ela vem de Mim; porque, embora esteja nela, no momento em que Eu me aparte, virá a noite. Esta é a verdadeira humildade: conhecer-se o que se pode e o que Eu posso.”¹⁴

Teresa é uma mulher nada dada a melancolias, pragmática consigo e com os que a rodeiam. Ao escrever as Fundações Teresa desvia-se do tema original do livro e dedica, a pedido das irmãs de S. José de Salamanca onde se encontrava uma reflexão sobre como proceder com as que têm humor de melancolia, que considerava uma “grande enfermidade”.¹⁵ Em relação a si diz-nos:

“Esta freira há quarenta anos que tomou o Hábito e, desde o princípio, começou a pensar nos mistérios da Paixão de Nosso Senhor alguns momentos do dia e nos seus próprios pecados. Nunca se pôs a pensar em coisa que fosse sobrenatural, mas tão somente nas criaturas ou coisas por onde compreendia quão depressa se acaba tudo...”¹⁶

Em relação a este pensar em coisa que fosse sobrenatural e à atitude pouco dada a melancolias Teresa chama a atenção às suas irmãs que a experiência de união passa “pelo amor de Sua Majestade e do próximo” e que o sinal mais certo “é guardar bem a do amor ao próximo; porque se, amamos a Deus não se pode saber, embora haja grandes indícios para entender que O amamos, mas o amor do próximo, sim”. Segundo Teresa a união não passa por atitudes afectadas durante a oração mas por obras concretas de alívio às irmãs enfermas, de compaixão com a sua dor, de jejum em favor da irmã¹⁷. Numa carta ao seu irmão Lourenço de Cepeda datada de 2 janeiro de

¹¹ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Fundações*, XVI, p. 775

¹² Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Fundações*, XVIII, p. 787

¹³ Teresa de Ávila, “Caminho de Perfeição”, Avesadas, 2014, XVII-XVIII, p. 77-85

¹⁴ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Relações*, XXVIII, p. 945

¹⁵ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Fundações*, VII, pp. 734-738

¹⁶ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Relações*, p. 917

¹⁷ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Moradas*, Quintas Moradas, III, pp. 593-598

1577, adverte-o em relação ao tempo que emprega na oração:

“Olhe que é tentação; não lhe aconteça mais senão falar com Deus de tudo isso e nem que, tendo mais tempo, teria mais oração. Desengane-se disso, pois o tempo bem empregado, como o é olhar pelos bens dos seus filhos, nada rouba à oração. Muitas vezes Deus dá mais num momento, do que em muito tempo; as suas obras não se medem pelos tempos”.

Ainda que noutra contexto, esta passagem lembra outra escrita desde a prisão em 11 de março de 1944 por Dietrich Bonhoeffer à sua noiva Maria. A mãe de Maria tinha ido visitar Dietrich à prisão e tinha-lhe proposto que quando Maria o fosse visitar este lhe apresentasse uma breve interpretação de alguma passagem bíblica, ou que a sua filha pudesse levar algumas perguntas para discutir com ele. A resposta de Dietrich é:

“Pero, mira, Maria, todo eso me parece sencillamente absurdo; para mí, sería lo más extraño, e incluso antinatural. (...) Lo que yo quiero es tenerte a ti y nada más que a ti, tal como tú eres e realidad, y sin ninguna clase de de afectación o esfuerzo de tu parte. Eso sí que es mucho «más importante» y mucho «más maravilloso» que cualquier «importancia» o cualquier maravilla. Porque eso es *la vida*, tal como brota de la mano de Dios”.¹⁸

Terminamos esta reflexão introdutória com as palavras de Juliá Kristeva:

“Cuántas veces, Teresa, filósofa mía, me harás volver al dilema que hechiza a los antiguos y actuales maestros de la escolástica: entedimento o imaginación? En definitiva, reflexionas o deliras? Ni una cosa ni la outra, pero siempre en movimiento entre ambos polos: tal es, a mi parecer, tu respuesta. O más bien no respondes, sigues tejiendo el pensamiento de tu escuta hasta los extremos del ser: oscilación, flujo, cuerpo y alma, carne y verbo, inicio de la facultad imaginativa y ferviente deseo de compartila”.¹⁹

“A voz do fino Silêncio” nos profetas bíblicos

"Onde estás?" (Gen 3,9) é a primeira pergunta que, pela mão do autor bíblico, ouvimos de Deus ao Homem. É esta a questão original que levamos dentro. Tolentino Mendonça diz que “Deus Santo é, literalmente, o Deus separado das imagens, o Deus todo outro face às possibilidades das representações. Por paradoxo, poder-se-ia dizer: o corpo de Deus é uma voz”.²⁰ É depois do vento, do terramoto, do fogo que Elias, ouve “a voz de um fino silêncio! (...) voz de um cortante silêncio, voz de Deus que arde e opera dentro de nós”.²¹

A importância de escutar esta voz no povo bíblico é também expressa no *Shemá*, a oração israelita de todos os dias:

¹⁸ Dietrich Bonhoeffer, Maria von Wedemeyer, “Cartas de amor desde la prisión”, Madrid, 1998, p. 165

¹⁹ Juliá Kristeva, “Teresa. Amor Mío: Santa Teresa de Ávila”, Barcelona, 2015, p. 217

²⁰ Tolentino Mendonça, “As Estratégias do Desejo”, Lisboa, 200, pp. 37-40

²¹ <https://mesadepalavras.wordpress.com/2014/08/09/aquela-voz-de-um-fino-silencio/>

“Escuta Israel, o Senhor nosso Deus é somente um. Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as forças. As palavras que hoje te digo permanecerão em tua memória, e tu as inculcarás a teus filhos e falarás delas estando em casa e a caminho, deitado e de pé; tu as atarás ao teu punho como um sinal, serão na tua testa um sinal; tu as escreverás nos umbrais de tua casa e em teus portais”. (Dt 6, 4-9).

A fé entra-nos pelo ouvido. No entanto, diz António Couto que “a aliança bíblica não é uma questão de palavras não é uma questão de negócios ou tratados, não é obrigação que Deus impõe a si próprio em favor de um terceiro”. Baseando-se num estudo de Von Rad e nos estudos de Dennis J. McCarthy, António Couto acrescenta que

“a aliança aparece como um acontecimento complexo, pessoal, vivo, envolvente. Começa com um encontro teofânico principal, para o qual eu não podia ir, para o qual eu não sabia ir porque o Outro não é projectado por mim, mas vem de fora (e-vento) do meu horizonte natural físico de desejo, projecção e identificação.”²²

É o que o autor bíblico nos mostra em Samuel. Samuel não reconhece o autor desta “voz do fino Silêncio” nem ao terceiro chamamento, mas à qual responde à quarta vez como Eli lhe dissera: “Fala, pois o teu servo escuta”. (Sm 3, 10). A voz da Boa Notícia de que escreve Isaías, que fala ao coração, que grita, que se quer erguida, que anuncia que “O antigo já aconteceu, e algo novo eu anuncio; antes, que brote, eu vos comunico” (Is, 42, 9); o Senhor que diz “ eu te chamei por teu nome, tu és meu” (Is, 43,1), que não esquecerá Sião e que confessa “Olha, em minhas palmas te levo tatuada” (Is 49, 16). É esta a voz que João nos fala quando o Senhor aparece a Maria Madalena e ela O reconhece quando a chama pelo nome (Jo 20, 11-17). A voz que também conhecemos pelo autor dos Actos dos Apóstolos quando Saul cai por terra e ouve uma voz que o chama pelo nome mas não O reconhece. (Act 9, 4-6).

Levamos connosco a voz desta tensão original. Será a aliança subterfúgio para perguntas antropológicas universais, ou pelo contrário, fundamentação? Ao "onde estás?" (Gen 3,9) não despertará o desejo da contra-pergunta "onde moras?" (Jo 1, 39), para pouco depois se ouvir uma terceira interrogação "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mt 16, 15). Da resposta à terceira interrogação, nasce a transformação da esterilidade em fecundidade, do vazio à pertença do Corpo. As dores de parto que Teresa enjeita e também toma como argumento para justificar a sua escolha, dão lugar a dores de parto que se tornam parte da Tradição. Teresa, Dona Teresa de Ahumada leva no mosteiro da Encarnação um casamento de conveniência, que lhe dava todas as mordomias de “dona”; com a “alma cansada” com os “ruins costume” que tinha. Cai enamorada do seu Esposo quando vê como Tomé as marcas:

“...Aconteceu-me que, entrando eu um dia no oratório, vi uma imagem, que para ali trouxeram a guardar; tinham-na ido buscar para certa festa que se fazia nesta casa. Era a de um Cristo muito chagado e tão devota que, ao pôr nela os olhos, toda eu me perturbei por O ver assim, porque representava bem o que passou por nós. Foi tanto o que sento por tão mal Lhe ter agradecido aquelas chagas, que o coração, me parece, se me partia e

²² António Couto, “Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada”, Lisboa, 2003, pp. 160-161

arrojei-me junto d'Ele com grandíssimo derramamento de lágrimas, suplicando-Lhe me fortalecesse de uma vez para sempre para não O ofender”.²³

Ao mesmo tempo, ouve a sua voz:

“Quando se tiraram do público muitos livros em língua vulgar, para que se não lessem, eu senti-o muito, porque me recreava lendo alguns e já não o podia fazer por só os permitirem em latim. Disse-me o Senhor: Não tenhas pena, que Eu te darei livro vivo”.²⁴

Ouvimos a procura da Voz também nos versos de Sophia:

*Escuto mas não sei
Se o que oiço é silêncio
Ou Deus;*

*Escuto sem saber se estou ouvindo
O ressoar das planícies do vazio
Ou a consciência atenta
Que nos confins do universo
Me decifra e fita;*

*Apenas sei que caminho como quem
É olhado amado e conhecido
E por isso em cada gesto ponho
Solenidade e risco”²⁵*

É esta tensão vital que anima Teresa nesta busca; podemos mesmo dizer na conversão de freguesa de um sistema a testemunha de um amor. Diz Thomas Merton:

“O místico católico procura, acima de tudo, o espírito e a verdade de Deus. E ele os procura na palavra de Deus. Quando se retira do mundo e se coloca nas fronteiras da eternidade, é que, de certo modo, espera ver a Deus ou, ao menos, ouvir a sua voz. Se clama por Deus na oração, é porque deseja uma resposta. E a resposta que deseja não é apenas a voz da sua própria ou o eco de alguma outra experiência humana como a sua; há de ser a resposta de Deus.”²⁶

²³ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Vida*, IX, p. 77

²⁴ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Vida*, XXVI, p. 210

²⁵ Sophia de Mello Breyner Andresen, “Geografia”, Lisboa, 1967

²⁶ Thomas Merton, “O pão no deserto”, Petrópolis, 2008, p. 38

“Porque Eu sei que te acharás/Em Meu peito retratada.” - A Busca do Ausente

Certeau diz que quem escreve, escreve por causa de uma ausência: “El lleno ya no está aquí, «Se lo han llevado», dicen tantos cantos místicos que com el relato de su pérdida inauguran la historia de los retornos del uno en otros lugares y bajo otras formas, en modos que son más bien el efecto que la refutación de su ausencia”.²⁷

A busca do Ausente que Cristina Campo diz que é preciso amar:

*“Tu, Ausente que é preciso amar...
final que nos escapa e perseguimos
como sombra de um pássaro pela vereda
não mais quero buscar-te.*

*Vibrarei sem quase olhar a minha flecha,
se a corda do coração não estiver tensa...”²⁸*

Estes escritos de Amor tornam-se mapas apaixonados de silêncio, muitas vezes, indecifráveis, porque frutos de uma história pessoal e única. No entanto, ainda que restritos à especificidade de cada um, surpreendentemente, entrelaçam-se numa História maior. Assim acontece com Teresa.

Teresa perde a mãe aos 13, o pai aos 43 anos. Em 1540 o seu irmão Lourenço e Jerónimo partem para os antípodas e mais tarde Pedro e António. Para além disso, Maria, irmã do primeiro matrimónio de D. Alonso, com o seu marido iniciam um processo relativo à herança do pai. Há um despertar desta tensão “da corda do coração” pela percepção do transitório? Não como uma fuga mas como um despertar. Elmar Salmann²⁹ afirma que as conversões se dão a meio da vida. Ao mesmo tempo, apercebemo-nos nos escritos de Teresa que nos anos de monja no carmelito da Encarnação há um processo de renúncia ao eu, “que está relacionado ao fenómeno do amor (...) é para a maior parte de nós um processo gradual, em que envolvemos de forma espasmódica.”³⁰ Em paralelo, esta reconversão remete-nos para a pergunta de Nicodemos (Jo 3, 4-8).

Não deixa de ser fascinante ler os escritos apaixonados de Teresa e de ver que apesar de inserida no contexto local-espanhol difícil em que está e tendo consciência do que se passa num espaço mais alargado (as reformas protestantes, a inquisição, as guerras de conquista, o frágil lugar social da mulher), supere todas as imagens instaladas para encontrar um Deus amor:

“Pouco a pouco, com arte e carícias, vai-se acostumando a alma a perder o medo. Imaginai que ela se afastou do seu esposo há muitos anos e, até que se resolva a voltar para casa, é preciso saber negociar bem! (...) Fixai-vos nas palavras daquela boca divina e, logo à primeira compreendereis o amor que vos tem.”³¹

²⁷ Michel de Certeau, “La fábula mística (siglos XVI-XVII)”, Madrid, 2006, p. 91

²⁸ Cristina Campo, “O passo do Adeus”, Lisboa, 2002, p. 47

²⁹ Elmar Salmann, “Presenza di Spirito. Il cristianismo come stile di pensiero e di vita”, Assisi, 2011

³⁰ M. Scott Peck, “O Caminho Menos Percorrido”, Lisboa, 2013, p. 78

³¹ Teresa de Ávila, “Caminho de Perfeição”, Avesadas 2014, XXVI, p. 120

Teresa procura fazer sempre a vontade de Deus, agradar em tudo ao Esposo porque como adverte às suas filhas “saibamos com Quem estamos casadas e que vida havemos de ter”: uma vida dedicada à oração³². No Caminho da Perfeição, Teresa aponta três causas para a oração: orar com “toda a determinação” porque o Senhor é bom, no tempo de oração disponibilidade total para o Esposo; afastamento do demónio perante almas determinadas, perseverantes; a alma luta com mais coragem, determinação, “começar com a certeza de quem se não nos deixarmos vencer, cantaremos vitória”³³.

Há na oração “dois amantes que se buscam, que se olham, se contemplam. Só se lembram do amor e se esquecem do amor. Em tudo procuram o amor e em tudo o evitam”³⁴. Encontramos eco desta complexa cartografia amorosa na poesia que Teresa nos deixou. As palavras e a vitalidade do Silêncio que habita entre elas, a paciente fermentação das conquistas para suprir a carência original, a intimidade da graça da união da Alma com o seu Criador, desde o “Que quereis Senhor de mim?”³⁵, até ao poema:

“... Foste, por amor criada
Formosa, bela e assim
Dentro do Meu ser, pintada.
Se te perderes, minha amada,
Alma, procura-te em Mim.

Porque Eu sei que te acharás
Em Meu peito retratada,
Tão ao vivo figurada
Que ao ver-te folgarás
Por te veres tão bem pintada...”³⁶

É um longo caminho de enamoramento de Teresa por “Sua Majestade”, até que se deixa seduzir e aceita o respirar de Deus em si, o fluxo vital do Ausente que procura. Karl Rahner diz-nos que na oração do amor:

“Todas las fuerzas del alma fluyen hacia Dios para no retirarse ya de Él; flueyen hacia Aquel que al encenderse la llama del Amor se hace centro intimo de nuestro proprio ser y está más cerca de nosotros que nosotros mismos, más amado que nostros mismos; no tanto amado Él por y para nosotros, cuanto nosotros por y para Él.”³⁷

Aproximadamente dez anos mais tarde a ter escrito o Caminho da Perfeição, quando escreve as Moradas, em plenitude espiritual, descreve o expoente máximo do seu conhecimento deste Amor:

³² Teresa de Ávila, “Caminho de Perfeição”, Avessadas, 2014, XXII, pp. 106-107

³³ Teresa de Ávila, “Caminho de Perfeição, Avessadas”, 2014, XXIII, pp. 108-110

³⁴ Tolentino Mendonça, “As Estratégias do Desejo”, Lisboa, 2003, p. 28

³⁵ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, Avessadas, 2000, Poesias, p. 1084

³⁶ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, Avessadas, 2000, Poesias, p. 1086

³⁷ Karl Rahner, “De la necesidad y don de la oración”, Bilbao, 2004, p. 44

“E metida naquela morada por visão intelectual, por certa maneira de representação da verdade, mostra-se-lhe a Santíssima Trindade, todas as Três Pessoas, com uma inflamação que primeiro lhe vem ao espírito, à maneira de uma nuvem de uma grandíssima claridade. E por uma notícia admirável, que se dá à alma, entende com grandíssima verdade serem estas Pessoas distintas todas Três uma substância e um poder e um saber e um só Deus. De maneira que, o que acreditamos por fé, ali o entende a alma, podemos dizer, por vista, ainda que não é a vista dos olhos do corpo, porque não é visão imaginária. Aqui se comunicam todas as Três pessoas e lhe falam, e lhe dão a entender aquelas palavras que diz o Evangelho que disse o Senhor: que viria Ele e o Pai e o Espírito Santo a morar com a alma que O ama e guarda Seus mandamentos”³⁸.

O Deus Uno e Trino que mora com a alma que se recolhia, apesar de não entender com clareza, desde o tempo em que ouvia algumas palavras do Cântico dos Cânticos. O Deus Uno e Trino concede à Sua Amada a graça de O conhecer.

Conclusão

Há nos escritos de Teresa fogo, paixão. Deus, Sua Majestade, o seu Rei como tantas vezes se Lhe refere enamora-se de Teresa e Teresa corresponde. Ouve-se por entre os seus escritos o bolero de Ravel, uma gradação crescente, a procura incessante do Ausente que a seduziu. Teresa não escreve tratados de teologia, escreve entre suspiros e fadigas e não escreve para publicar, mas para testemunhar primeiramente às suas “filhas” o fogo que lhe abrasa o coração. Os seus escritos são cartografias da sua alma. Por isso, ler Teresa está longe de ser uma leitura linear, rápida de procura e resposta fácil. Pelo contrário! Naquele grão de trigo que à terra cai há toda uma explosão de vida entre exclamações de amor, de súplica, advertências e finas ironias. Para encontrar respostas no mapa de fé único e irrepitível que constrói é preciso paciência e gosto para a dança.

Entre “meu Rei”, “sua Majestade”, “Capitão do Amor” há toda uma profundidade de sedução entre amantes, um céu profusamente estrelado, uma vida abençoada com a fé. Por isso, com Ela descobrimos também a voz do fino Silêncio, o Rosto de Deus Amor que se faz próximo e que diz “Talitha kumi”. Teresa reconhece-se habitada pela Promessa sussurrada desde as origens e, por isso, não se fecha a imaginários idolátricos de bezerros de ouro, mas abre-se à Presença eucarística e ao próximo que comunga do mesmo pão. Com exceção das cartas, as obras que nos chegam de Teresa de Jesus foram sempre escritas a pedido de alguém. Teresa não tem pretensões de ser escritora, apenas, testemunha do Amor maior que foi conhecendo e reconhecendo, pelo qual se deixou inflamar e seduzir no paulatino correr dos dias. Concluimos este trabalho com uma citação do filósofo Gilles Deleuze:

“De tal maneira que o problema já não é fazer com que as pessoas se exprimam, mas proporcionar-lhes vacúolos de solidão e de silêncio a partir dos quais pudessem ter enfim qualquer coisa a dizer. As forças de repressão não impedem as pessoas de se exprimir, forçam-nas pelo contrário a exprimir-se. A doçura de nada ter a dizer, o direito a não ter nada a dizer, tal é a condição de que se forme qualquer coisa de raro ou de rarefeito que mereça um pouco ser dito.”³⁹

³⁸ Santa Teresa de Jesus, “Obras Completas”, *Moradas*, Sétimas moradas, I, pp. 667-668

³⁹ Citado por Byung-Chul Han, *Psicopolítica*, Lisboa 2015, p. 89.